

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Pedro Márcio Pinto de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A636 Antropologia: visão crítica da realidade sociocultural / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Pedro Márcio Pinto de Oliveira. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-463-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.631210809>

1. Antropologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Oliveira, Pedro Márcio Pinto de (Organizador). IV. Título. CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudação.

Esse novo cenário social incentiva-nos a (re) visitar determinados paradigmas da ciência e da educação face a crise científica que abre muitos debates no eixo temático das diferenças. Dado o debate atual sobre as transformações sociais e a percepção de que há uma ênfase cada vez maior no centro cultural como base para a análise deste momento histórico, a antropologia torna-se imprescindível na medida em que contribui para o debate sobre a contradição da função social na modernidade. A escola caracterizada pela preocupação de uma resposta rápida às demandas dos diversos setores e obcecada pela acumulação de capital, e pela educação dos cidadãos para se integrarem criticamente à vida pública como meio de contribuir para a transformação das desigualdades nessa sociedade democrática. (OLIVEIRA, 2017). À luz dessa primeira reflexão, o livro: - “Antropologia: Visão crítica da realidade sociocultural” é uma contribuição dialógica que que ancora trabalhos realizados em contextos diversos, dentro e fora do Brasil. Trabalhos esses, que utilizam a lupa da antropologia para discutir de forma crítica sobre temas que atravessam a realidade sociocultural de seus contextos. Essa rica discussão vocês leitores poderão contemplar, nos nove textos que compõem esta obra. Com isso, desejamos a tod@s excelentes leituras e reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Pedro Márcio Pinto de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A INCLUSÃO ESCOLAR VOLTADA PARA CRIANÇAS E JOVENS DIAGNOSTICADOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Rodrigo Regert

Carine Alves dos Santos

Genecis Perachi da Silva

Joel Haroldo Baade

Arã Paraguassú Ribeiro

Adelcio Machado dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108091>

CAPÍTULO 2..... 6

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL: RACISMO

Regina Maria Teles Coutinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108092>

CAPÍTULO 3..... 14

ANTHONY GIDDENS E REINHART KOSELLECK: A TRANSIÇÃO PARA A MODERNIDADE EXPERIMENTADA ATRAVÉS DA RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL

Julia Martins Tiveron

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108093>

CAPÍTULO 4..... 24

CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PANTANAL MATO-GROSSENSE (MT, BRASIL)

Sueli Pereira Castro

Mariel Maróstica Fernandes

Nayara Marcelly Ferreira

Natalia Oliveira Defende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108094>

CAPÍTULO 5..... 40

PENSAMIENTO EMOCIONAL Y PANDEMIA. CRECIENDO DE CORAZÓN Y MIRANDO HACIA LA TRANSFORMACIÓN

Esperanza Meseguer Navarro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108095>

CAPÍTULO 6..... 44

ESPAÇOS SUBALTERNOS E IMAGINÁRIOS DIASPÓRICOS NO CAIS DO VALONGO

João Gabriel Rabello Sodré

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108096>

CAPÍTULO 7	73
UMA ANÁLISE DO HABITUS DA CLASSE CAPITALISTA Manoella Treis  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108097	
CAPÍTULO 8	82
QUEM TEM MEDO DO INUMANO? AS REPRESENTAÇÕES DE HUMANIDADE E ANIMALIDADE NA LITERATURA DE FRANZ KAFKA Camila Giesz Bortolin Maria Suely Kofes  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108098	
CAPÍTULO 9	102
<i>MIRAÇÃO</i> : EXPERIÊNCIA, MAGIA E ESCRITA SOBRE O TRANSE AYAHUASQUEIRO DE XAMÃS URBANOS Carolina de Camargo Abreu  https://doi.org/10.22533/at.ed.6312108099	
SOBRE OS ORGANIZADORES	119
ÍNDICE REMISSIVO	121

ANTHONY GIDDENS E REINHART KOSELLECK: A TRANSIÇÃO PARA A MODERNIDADE EXPERIMENTADA ATRAVÉS DA RELAÇÃO ESPAÇO- TEMPORAL

Data de aceite: 01/09/2021

Julia Martins Tiveron

<http://lattes.cnpq.br/4259833785545983>

RESUMO: Objetiva-se nesse artigo apontar duas perspectivas que procuram descrever a passagem de uma sociedade tradicional para a sociedade moderna. A primeira delas é desenvolvida por Reinhart Koselleck descrita por meio das categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. A outra encontra-se na obra de Anthony Giddens, para quem essa transição deve ser compreendida em termos do distanciamento do espaço-tempo. Ambas demonstram a preocupação com o enfoque no sujeito e sua condição existencial no mundo, com a forma pela qual encontra-se ligado a uma percepção do espaço que ocupa e de uma temporalidade que, em certa medida, molda sua ligação com o mundo social e, acrescenta-se, com diferentes formas de experimentação do risco inerente à sua condição.

PALAVRAS-CHAVE: Anthony Giddens; Reinhart Koselleck; tradição; modernidade; reflexividade.

ANTHONY GIDDENS AND REINHART KOSELLECK: THE TRANSITION TO MODERNITY EXPERIENCED THROUGH SPACE-TEMPORAL RELATIONSHIP

ABSTRACT: The objective of this article is to point out two perspectives that seek to describe the transition from a traditional society to a

modern society. The first one is developed by Reinhart Koselleck, described through the categories of “experience space” and “horizon of expectations”. The other is to be found in the work of Anthony Giddens, for whom this transition must be understood in terms of the distance time-spatial. Both demonstrate the concern with the focus on the subject and his existential condition in the world, with the way in which he is linked to a perception of the space he occupies and of a temporality that, to some extent, shapes his connection with the social and social world and, moreover, with different ways of experiencing the risk inherent to his condition.

KEYWORDS: Anthony Giddens; Reinhart Koselleck; tradition; modernity; reflexivity.

INTRODUÇÃO

Decorre da necessidade de situar o momento presente como algo distinto do precedente a força da ideia contida no termo “modernidade”. Destaca-se, nesse sentido, o potencial apresentado pelas teorias sociológicas que buscam compreender a modernidade pela relação que esta possui com a dimensão espaço-temporal. A partir desta constatação, o trabalho em questão constitui-se em uma tentativa de aproximação de duas perspectivas sociológicas que buscam descrever este fenômeno complexo que designamos “modernidade”.

Trata-se, por um lado, da abordagem de Anthony Giddens acerca da transição para a modernidade, através do conceito

de “distanciamento do espaço-tempo” e, de outro, da proposta de Reinhart Koselleck, a qual se serve de duas categorias conceituais: espaço de experiência e horizonte de expectativa, para também compreender a transição para a modernidade a partir da relação com o tempo. Parte-se, então, do levantamento dos conceitos essenciais a esta pesquisa, a partir das obras “Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos”, de Reinhart Koselleck, e “Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna”, de Anthony Giddens. Com isto, pretende-se pontuar aspectos convergentes nestas duas obras, no que concerne à apreensão da mudança contida na passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna.

Não se trata de uma revisão exaustiva das obras destes dois autores, que ultrapassam em muito a temática aqui colocada. Intenciona-se expor um possível paralelo contido em alguns elementos apresentados nestas obras e levantados neste trabalho. Não obstante o objetivo proposto, não se quer com isto atestar a conformidade entre ambos, chamando-se a atenção para o fato de que as semelhanças propostas podem ser consideradas pequenas no conjunto teórico dos autores – sendo que isto não retira a potencial contribuição contida na aproximação destas duas descrições aqui colocadas.

A metodologia dessa pesquisa consiste na revisão bibliográfica das principais obras dos autores escolhidos voltadas à análise do tema em questão. Sublinha-se que o tratamento do tema far-se-á sobre o panorama teórico de uma sociedade compreendida como a radicalização da modernidade, denominada “modernidade reflexiva”, na qual a predominância do risco e da contingência apontam para um cenário sempre incerto e em grande medida imprevisível. Assim, procurar-se-á abordar alguns aspectos das teorias sociais apresentadas e o seu modo de compreensão e descrição desta realidade denominada modernidade.

Diante da abstração que o termo “modernidade” carrega, não cabe, dentro do presente artigo, delimitar de forma precisa a ideia de modernidade a um contexto localizado cronologicamente. A despeito disso, é possível identificar o termo “modernidade”, entre seus diversos usos, associado a uma concepção de organização social característica do Ocidente e cuja origem remete a eventos iniciados no século XVII e que, posteriormente, se expandiram pelo mundo. No seu uso mais recorrente, a modernidade define tão somente a sociedade contemporânea e o tempo presente, de forma inseparável de um questionamento histórico.

ANTHONY GIDDENS: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E DISTANCIAMENTO ESPAÇO-TEMPO

A tradição é entendida por Giddens (2012, p. 99-100) como algo ligado à ideia de “memória”; ligado a um sentido coletivo; envolvendo rituais e a presença de “guardiães”; e, de forma diferente do costume, a tradição “tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional”. Nesse sentido, a “memória” não se confunde com a “lembrança”, mais

propriamente individual. Assim, tratando-se de reconstrução – mediante interpretação a partir das bases atuais –, “a tradição é um *meio organizador da memória coletiva*” (GIDDENS, 2012, p. 101); não cabendo falar, portanto, em uma tradição privada.

Por outro lado, a força da tradição necessita de um elo que a aproxime das práticas sociais, de modo que a faça presente e lhe dê continuidade no tempo. Para isto, a tradição demanda práticas rituais. Os rituais atuam na ligação do passado da tradição com as práticas do presente, ao mesmo tempo que “isolam” as práticas rituais das ditas “habituais” ou “rotineiras” (GIDDENS, 2012, p. 101-102).

Ademais, a força presente na tradição que a torna um instrumento poderoso de manutenção da ordem reside no que Giddens (2012, p. 101-102 e 120 e s.) denomina “verdade formular”. Esta “verdade formular”, própria da tradição, representa o conteúdo existente na prática ritual, resultante da interpretação desta prática. Esta interpretação, da qual provém a “verdade formular”, não pode ser realizada por qualquer indivíduo, mas tão somente pelos, assim denominados, “guardiães” da tradição.

A particularidade contida na posição de guardião da “verdade formular” decorre antes do seu *status* na ordem tradicional, do que por qualquer critério de “competência”. Assim, a palavra que provém da interpretação realizada por esses guardiães, que representa a “verdade formular”, é aquela contra a qual não cabe discordância. Acrescenta-se, ainda, que a palavra do guardião não se trata de um conteúdo ao qual poder-se-ia ter acesso mediante simples busca por conhecimento.

Estes elementos reforçam o papel de preservação da ordem que a tradição desempenha nestas sociedades. Porém, como elementos definidores da tradição, destacam-se, ainda, seu componente normativo – uma vez que a tradição determina não somente o que “é”, mas o que “deve ser” –, e seu componente emocional – posto que a tradição atua como instrumento estabilizador das expectativas. Neste sentido, a tradição é importante fonte de segurança ontológica nas sociedades tradicionais.

Verifica-se que a teoria do referido autor acerca da sociedade tradicional vale ser aproximada com as considerações que o mesmo desenvolve no que se refere à “memória”. Tal como aborda Anthony Giddens, memória pode ser entendida sob diversas perspectivas, mas, tradicionalmente, estas perspectivas implicam uma visão de passado completamente apartada do presente. Nesta linha, destacam-se duas acepções:

- I. a memória como acontecimento passado que, portanto, não guarda relação com o momento presente que não seja sob a forma de um vestígio de algum modo exibido pelo organismo; e
- II. a memória como “dispositivo de lembrança”, ou seja, uma forma de “chamar o passado ao presente”.

Ao salientar a proximidade que estas interpretações do conceito de “memória” possuem com a ideia de “percepção”, Giddens (2013, p. 53) verifica que se arrisca a cair no dualismo de subjetivo e objetivo. O autor aponta que, no estudo da percepção, os teóricos

costumam pender ora no sentido da prevalência do preceptor como condição indispensável na apreensão do mundo objetivo, ora no sentido de percepção como dado previamente estabelecido. Destaca que este dualismo no tratamento da “percepção” deve ser superado mediante a consideração do envolvimento desses dois polos entre si e no posicionamento de ambos no espaço e no tempo.

Assim, passando-se a entender a experiência “presente” como um momento integrado no fluxo do espaço e do tempo – de modo que não está apartado do “passado” –, a memória passa a ser “um modo de descrever a cognoscitividade de agentes humanos”. Neste sentido, memória é a forma pela qual o agente realiza a “constituição temporal da consciência”; e não se confunde com “recordação”, que é “o meio de recapitular experiências passadas de modo a focalizá-las na continuidade da ação” (GIDDENS, 2013, p. 53).

REINHART KOSELLECK: A TRANSIÇÃO COMO DISTANCIAMENTO ENTRE “ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA” E “HORIZONTE DE EXPECTATIVAS”

Koselleck (2006, p. 315) descreve o processo de transição para a modernidade pelo progressivo distanciamento entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Ambas as expressões são especialmente qualificadas para a abordagem histórica do autor em razão da qualidade formal e genérica que elas possuem. Conforme o autor destaca, essas expressões são categorias formais e, dessa forma, não se encontram preenchidas em seu conteúdo. Tratam-se, contudo, de conceitos que se delimitam mutuamente e, não obstante sua alternatividade, possuem uma relação de complementariedade, sendo um necessário ao outro (KOSELLECK, 2006, p. 306-307).

A experiência mescla traços de “elaboração racional” com “formas inconscientes de comportamento”. E com isso soma-se a experiência individual com aquela experiência alheia, que é transmitida através das gerações e das instituições (KOSELLECK, 2006, p. 309-310). Ao se falar em expectativa, por sua vez, compreende-se igualmente a qualidade de ser dotada de um aspecto pessoal e outro impessoal.

Essas categorias aparecem para dar liga entre o tempo passado e o futuro, pois assim como “a experiência é o passado atual” a expectativa, que é construída no presente e olha para o futuro, encontra raízes na experiência do passado; nesse sentido, elas se constituem como categorias que “entrelaçam passado e futuro”. Assim, esse autor afirma que até meados do século XVII “o futuro permanecia atrelado ao passado”. Tal perspectiva, contudo, apresentou um desenvolvimento distinto nas diferentes esferas sociais.

No mundo da política, com sua crescente mobilização dos meios do poder, no movimento das Cruzadas, ou mais tarde na colonização ultramarina, para mencionarmos somente dois acontecimentos importantes, e ainda no mundo do espírito, em virtude da revolução copernicana e na esteira das invenções técnicas do começo da modernidade, é preciso supor uma diferença ampla e consciente entre a experiência transmitida e a nova

expectativa que se manifesta (KOSELLECK, 2006, p. 315).

Nestes movimentos, marcados por uma brusca mudança no horizonte de expectativas, no interior de uma mesma geração, verificou-se a necessidade da formação de novos horizontes, uma vez que as expectativas presentes se tornaram inseguras. Os movimentos que seguiram – destacando-se o Renascimento, a Reforma, a colonização ultramarina e o desenvolvimento da ciência e da técnica – expandiram essa tensão fazendo-a presente em diversas camadas sociais. Isso veio a se consolidar com a formação de um novo horizonte de expectativa, consubstanciado na ideia de progresso (KOSELLECK, 2006, p. 315-316).

A partir da ideia de progresso vê-se que não foi somente o conceito de “horizonte de expectativa” que se alterou a partir desse momento, mas também a compreensão de um “espaço de experiência” passou a ser tomada por um novo ângulo. “O conceito de ‘progresso’ só foi criado no final do século XVIII, quando se procurou reunir grande número de novas experiências dos três séculos anteriores.” (KOSELLECK, 2006, p. 317). Dessa forma, determinado país, grupo ou classe social, pautando-se por essa experiência, compreendia estar à frente dos demais, legitimando-se a missão de “levar o progresso” a outras regiões e outros povos.

Assim, o conceito de “progresso” foi o primeiro a incorporar essa “diferença temporal entre experiência e expectativa”. Compreendia-se, então, que a história seguia uma marcha única, pela qual o futuro seria, necessariamente, diferente em relação ao passado. “Este axioma da filosofia da história, que resulta do Iluminismo e faz eco à Revolução Francesa, serve de base tanto para a ‘história em geral’ quanto para o ‘progresso’.” (KOSELLECK, 2006, p. 319).

Com a Revolução Francesa, isso se tornou presente na experiência cotidiana e o “decurso único do tempo transformou-se em um dinamismo de estratos múltiplos vividos simultaneamente”. Ainda que se pudesse falar em um espaço comum de experiência, este desdobra-se em diferentes perspectivas que variam com a geração política e a posição social. Pode-se afirmar que foi a partir de então que se vislumbrou a constante sensação de transição, que “ordena de maneira temporalmente diversa a diferença entre experiência e expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 320).

Dando seguimento, Koselleck (2006, p. 321) ressalta que, à essa tese universal de que o progresso traz um futuro – que não pode ser previsto de antemão – necessariamente distinto do passado, também aparece um indicador determinante, que é a aceleração. Com isso pretende dizer que essa diferença, que se instala entre experiência e expectativa, somente se mantém quando a mudança ocorre de forma contínua e crescente. As diferentes manifestações do progresso “modificam os ritmos e os prazos do mundo-da-vida graças à aceleração”.

A MODERNIDADE E A REFLEXIVIDADE DO CONHECIMENTO SOCIAL

Procura-se, então, apresentar a “memória” como um vínculo entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, posto que age na aproximação de passado, presente e futuro. Nesse entendimento, a “memória”, tal como a “tradição”, aparece como fonte de referenciais comuns que atribuem previsibilidade às condutas responsáveis pela reprodução social e sistêmica. Estas formas de reprodução, por sua vez, são entendidas como o prolongamento das ações individuais no tempo e no espaço.

Pretende-se agora apontar, na visão de Anthony Giddens, as considerações desenvolvidas acerca da contraposição que se coloca entre tradição e modernidade. Tal descrição ganha relevância quando se evidencia que, para ele, o momento atual é definido por uma transição entre o passado e o presente, entre estas duas sociedades em questão. A “alta modernidade” – que caracteriza, na descrição do autor, o momento presente – identifica-se como o resultado, ou as “consequências últimas”, decorrente do processo de modernização, centrado especialmente na expansão da qualidade do “monitoramento reflexivo” (a nível individual e institucional).

A modernidade para Giddens é, então, enfocada primordialmente pela mudança que impõe na relação com o espaço e o tempo, especialmente no que se refere à mudança nos contextos de interação, que passam a ocorrer, crescentemente, de forma ausente no tempo e no espaço. A invenção do telégrafo é apontada pelo autor como uma de tantas outras inovações tecnológicas que viriam a seguir – notadamente nos meios de comunicação e de transporte avançados –, e as quais atuam nesse processo de mudança na percepção do tempo e do espaço.

Assim, diferentemente das sociedades pré-modernas, nas quais havia uma evidente e necessária correlação entre distância e tempo – a superação de maiores distâncias envolvia maior tempo –, as sociedades contemporâneas romperam tal acoplamento: as possibilidades tecnológicas permitem que acontecimentos geograficamente remotos possam ser compartilhados de maneira instantânea e dispensam o encontro presencial dos diversos atores envolvidos na relação social (COSTA, 2004, p. 85).

Este dado, que aponta para o “esvaziamento do tempo”, precede ao fenômeno de “esvaziamento do espaço” e, de certa forma, é sua condição necessária. Neste sentido, a modernidade é produto – dentre outros fatores – da constituição destes tempos e espaços “vazios” (GIDDENS, 1991, p. 27-28). O autor aponta, portanto, três fenômenos característicos da sociedade moderna que estão sendo constantemente intensificados: a “reflexividade do conhecimento social”, a “separação e a recombinação de espaço e tempo” e o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação”.

No que se refere ao “conhecimento gerado sobre o mundo social”, que se busca enfocar aqui, este adquire proeminência no trabalho de Giddens, especialmente em sua construção da “modernidade reflexiva”. A autorreflexividade aparece, no pensamento do

autor, como referente à “apropriação reflexiva das condições de reprodução de um sistema social” (MARTUCCELLI, 2013, p. 439, tradução nossa).

Com a “reflexividade do conhecimento social”, constata-se que o conhecimento adquirido pela teoria social é “parte da reserva de conhecimento da sociedade”, de modo que o observador não pode ser apartado de seu objeto. Assim, o conhecimento produzido se reintroduz na sociedade, influenciando as tomadas de decisões realizadas pelos agentes, trata-se aqui da denominada “dupla-hermenêutica” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 64-65).

Uma vez que o conhecimento é constantemente reintrojetado nas relações sociais, a modernidade avançada exige uma “organização e reorganização reflexiva” constante dessas relações, em decorrência do impacto produzido por essa produção permanente de novos conhecimentos. Dessa forma, “o conhecimento torna-se parte integrante da reprodução do sistema e distancia as pessoas da tradição” (CAPELLER, 2011, p. 122, tradução nossa).

A “reflexividade do conhecimento social”, como característica marcante da teoria sociológica está intimamente relacionada à “reflexividade a nível institucional”¹. Neste sentido, destaca-se que a produção de conhecimento também se desenvolve a nível das instituições, de modo que “a reflexividade exercida pelas autoridades estatais, a das estatísticas oficiais, por exemplo, também é difundida no mundo social; essas estatísticas estatais, portanto, informam a autorregulação reflexiva das sociedades e Estados modernos”. Assim, existem “mecanismos reflexivos dentro dos órgãos institucionais” encarregados de sua reprodução reflexiva (CAPELLER, 2011, p. 122, tradução nossa).

Por essa razão que se pode afirmar que a “reflexividade institucional” é essencial para se compreender a modernidade avançada, pois, por meio dela, a dimensão institucional da sociedade adquire, também, uma qualidade “ativa” e dinâmica na mudança social. Diz-se, então, que em um determinado momento de sua evolução a modernidade é levada a refletir sobre si mesma para dar conta de suas contradições e melhor avaliar seus processos de mudança e os riscos por ela enfrentados. Esse momento pode ser identificado como a passagem de uma sociedade moderna “simples” para uma sociedade moderna “reflexiva”, na qual a prática de monitoramento reflexivo, de inflexão sobre suas próprias reflexões, desprende-se de seu âmbito individual, alcançando seu âmbito institucional e, mais adiante, tornando-se uma condição da própria existência da sociedade moderna² (LUVIZOTTO, 2013, p. 245 e s.).

1 Entende-se, também, que a dimensão individual e a dimensão institucional da reflexividade devem ser tomadas de forma indissociável. Assim, conforme afirma Wanda Capeller (2011, p. 123, tradução nossa), inicialmente concebida na dimensão individual, a partir de sua obra “Modernização reflexiva”, Giddens trata da “reflexividade coletiva”. Essa dimensão da reflexividade desenvolve-se em razão das “mudanças estruturais que requerem que o indivíduo seja livre de estruturas e expectativas normativas das instituições da modernidade, e se envolver tanto no controle reflexivo destas estruturas como em uma autoconstrução da sua própria identidade”. A partir dessa ideia, o autor entende que a alta modernidade leva o indivíduo a ter que adaptar-se diante das transformações advindas tanto no âmbito de sua intimidade quanto no âmbito institucional.

2 Assim, conforme diz Ulrich Beck (2012, p. 22): “No autoconceito da sociedade de risco, a sociedade torna-se reflexiva (no sentido mais estrito da palavra), o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para ela própria”.

APROXIMAÇÃO

Na tese de Reinhart Koselleck, a sociedade tradicional é compreendida, diferentemente da sociedade moderna, por uma ligação estreita entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Nesse sentido, as expectativas eram inteiramente alimentadas pela experiência do passado. Uma vez que a mudança se dava de forma muito lenta e gradual, uma nova “descoberta não chegava a romper o mundo da vida que se transmitia” (KOSELLECK, 2006, p. 315).

Com o advento da modernidade, verifica-se o progressivo distanciamento entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”, associado à crescente aceleração das mudanças sociais. Assim, a sociedade moderna, que se fez emergir a partir da ideia de “progresso” e da construção de um futuro predizível, passa a presenciar a distância, que se faz cada vez mais intensa, entre o que fora legado pela tradição e as possibilidades que se colocam no futuro. Nesta toada, enxerga-se um futuro cada vez mais distante da ideia de controle e mais próximo da ideia de contingência.

Essa descrição guarda aspectos convergentes com a teoria da modernização reflexiva tal como apresentada por Anthony Giddens. Neste sentido, conforme apontado por esse autor, nesse contexto em que a tradição perdeu forças, verifica-se que a expansão do conhecimento interfere diretamente na vida social, seja esta tomada em seu nível particular (reprodução social), seja no nível de suas instituições (reprodução sistêmica). As práticas sociais deixam de ser legitimadas pela tradição e sua fonte de referência passa a ser, justamente, este conhecimento social adquirido.

Ao mesmo tempo, neste cenário, a incorporação de um grande volume de conhecimento produzido não implica um aumento na prevenção e no controle dos riscos envolvidos no processo de mudança da sociedade – consubstanciados da ideia de *progresso*. Deve-se levar em conta, por um lado, que a distribuição do conhecimento jamais se faz de modo uniforme, variando “de acordo com os grupos de interesse e o equilíbrio de poder”, e, de outro, que “o impacto das consequências inesperadas das ações humanas permanece massivo e, além disso, a reflexividade exclui as possibilidades de controle, na medida em que contribui precisamente para a natureza instável da vida social” (CAPELLER, 2011, p. 121-122, tradução nossa). Entende-se que esta dimensão de imprevisibilidade contida na complexidade e aceleração das mudanças sociais e na expansão de conhecimento reintrojado no mundo social reflete a distância constatada entre nosso espaço de experiência e nosso horizonte de expectativas.

CONCLUSÃO

O esboço aqui produzido pretendeu explorar alguns elementos em comum às teorias de Reinhart Koselleck e Anthony Giddens, no que se refere à transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna. Destacou-se que ambos estão atentos à

uma análise voltada para a mudança que se verifica na relação com o espaço e o tempo nessas diversas sociedades. Assim, sobressaem-se, como aspectos centrais nas duas abordagens, o distanciamento verificado entre passado, presente e futuro; a aceleração que se intensifica com a modernidade, bem como a imprevisibilidade que essa sociedade adquire.

Era característico da sociedade tradicional a ideia de repetição e de continuidade, posto que havia uma ideia de se fazer como fora feito anteriormente”. Ao mesmo tempo, a tradição como um “meio organizador da memória coletiva”, garantia essa ligação estreita entre passado, presente e futuro. Na modernidade, outra realidade é observada, com características que se intensificam rapidamente.

A tradição não pauta mais as decisões, a multiplicação de opções de futuros possíveis, que não correspondem a situações experimentadas no passado, impulsiona a constante revisão das práticas. O crescimento dessa reflexividade implica o distanciamento das ideias de segurança e controle e aproximam as ideias de contingência e risco. Tais elementos fornecem um arcabouço conceitual valioso para a compreensão da sociedade atual a partir de sua relação com aquelas que as precederam.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. p. 11-88. *In*: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. Revisão técnica de Cibele Saliba Rizek. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CAPELLER, Wanda. **Relire Giddens**: entre sociologie et politique. Paris: Lextenso Éditions, 2011. (Collection Droit et soieté, vol. 55).

COSTA, Sérgio. **Quase crítica: insuficiências da sociologia da modernização reflexiva**. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 73-100, nov. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n2/v16n2a04.pdf> >. Acesso em: 30 maio 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. (Col. Biblioteca Básica).

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional, p. 89-166. *In*: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução de Magda Lopes. Revisão técnica de Cibele Saliba Rizek. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais de sociologia**. Tradução de Claudia Freire. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Revisão da tradução de César Benjamin. 4. reimp. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. 368 p.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **A racionalização das tradições na modernidade:** o diálogo entre Anthony Giddens e Jürgen Habermas. *Trans/Form/Ação*, Marília-SP, v. 36, p. 245-258, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/trans/v36nspe/15.pdf> >. Acesso em: 30 maio 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. **Sociologías de la Modernidad.** Itinerario del siglo XX. Traducción del francés de Carlos Iturra. 1. ed. Santiago: LOM ediciones, 2013. 512 p. (Colección Ciencias Sociales y Humanas).

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Afro-Latina 44

Anthony Giddens 14, 15, 16, 19, 21, 23

Arqueologia 44

C

Capital cultural 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81

Capitalista 73, 74, 77, 78, 79, 80

Comunidades Quilombolas 24, 38

Condições de saúde 24, 26, 27, 32, 35, 36, 37

Condições de vida 10, 24, 26, 28, 37, 39

D

Diáspora Africana 44, 45, 47, 59, 61, 62, 63, 66

Discriminação histórica 24, 37

Diversidade cultural 6, 8, 9, 10, 12, 13

E

Educação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 26, 31, 37, 38, 73, 81, 100, 106, 119, 120

Empresários 48, 73, 78, 79

Ensino regular 1, 3, 4, 5

Escravidão 44, 46, 49, 50, 52, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 71

Escrita 52, 102, 110

Estudos Afro-Brasileiros 11, 44

Experiência 14, 15, 17, 18, 19, 21, 29, 54, 84, 85, 86, 90, 95, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119

H

Humanidade e animalidade 82, 83, 100, 101

I

Inclusão 1, 2, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 45, 50, 80, 120

L

Literatura 11, 45, 47, 50, 82, 83, 85, 86, 100, 101, 117, 120

M

Magia 102, 104, 110, 117

Memorialização 44, 47, 57, 59, 60, 62, 63

Modernidade 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 48, 107

P

Pandemia 40, 42

R

Racismo 6, 8, 9, 10, 11, 13, 49, 58, 59

Reflexividade 14, 19, 20, 21, 22, 112

T

TEA 1, 2, 3, 5

Tradição 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 61, 77, 80, 107

Transe 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116

Transtorno do espectro autista 1, 2, 3, 4, 5

ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



ANTROPO LOGIA:

*Visão crítica da
realidade sociocultural*

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

